

Propostas do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) para o Fórum Nacional de Educação Superior

Florestan Fernandes ao rever sua trajetória e avaliar a importância da educação em sua vida, afirmou o seguinte: *“É isso que eu chamo de chance [...] é no sentido de oportunidade. E o que é oportunidade? É a capacidade de uma pessoa enfeitar o seu destino, [...] é uma coisa que depende de oportunidade”*.¹ Esse é o grande desafio da Educação Superior no Brasil, ampliar o acesso sem abrir mão de se constituir em uma grande oportunidade para os brasileiros e para o Brasil.

Buscando contribuir para esse grande desafio, pontuamos algumas considerações e sugestões para o debate do Fórum Nacional da Educação Superior.

(1) Democratização do acesso, flexibilização de modelos de formação e qualidade da aprendizagem

- Considerando que acesso sem permanência e aprendizagem efetiva não se configura em acesso de fato e se constitui em um quadro de “exclusão adiada”²;
- Considerando que a ampliação do acesso vivida até o momento no cenário brasileiro sustenta, de forma geral, a idéia de que o aumento da base de estudantes na educação superior de certa forma gera diminuição de qualidade;
- Considerando que a dicotomia entre a Educação Superior como espaço do saber para poucos ou a Educação Superior como fábrica de diplomas para muitos é um falso dilema, propomos:

1.1 – Revisão da perspectiva conteudista que alimenta nossa estrutura curricular. A perspectiva conteudista cria uma ilusão de que novos conteúdos (em formas de

¹ Cf. Florestan Fernandes: Esboço de uma trajetória. In Boletim informático e Bibliográfico de Ciências Sociais. RJ, 1995.

² Cf. Pierre Bourdieu

disciplinas) irão resolver aos dilemas das novas demandas ou do novo perfil dos estudantes da educação superior;

1.2 – Considerar a questão da ampliação ao acesso à cultura (clássica e popular) como componente curricular;

1.3 – Superar a perspectiva “extensiva” de currículo por uma perspectiva “intensiva”³. Quais são de fato os componentes curriculares essenciais para uma boa formação acadêmica?

1.4 – Resgatar as histórias de vida dos estudantes como momento chave de acolhida dos mesmos na educação superior, ou seja, o que sua trajetória anterior à educação superior revela? Que aprendizados foram feitos? Que perguntas eles já possuem? O que esperam? A educação superior deve acolher também os “conteúdos dos sujeitos”⁴ envolvidos no processo formativo.

1.5 – Tomar a pesquisa como “princípio educativo”⁵, ou seja, o ato de aprender pressupõe uma dimensão de contextualização (aprendemos a partir do que já sabemos), de pergunta ou pesquisa (aprendemos mobilizados pelo que ainda não sabemos) e aprendemos na presença e ajuda do outro (teoria, professor, colega, etc.): ensino, pesquisa e extensão são indissociáveis porque aprender é um ato indissociável;

1.6 – Construir o fluxo semestral de componentes curriculares a partir de problemas ou temas centrais. De tal forma que interdisciplinaridade seja assumida na própria estrutura curricular e não somente como um discurso nos projetos pedagógicos dos cursos;

1.7 – Abrir espaços-tempos dentro da estrutura curricular para seminários e comunicações do campo das pesquisas da pós-graduação. Antecipando para dentro da graduação o contato com as pesquisas e pesquisadores. Não se resumindo a ação de pesquisa acadêmica aos programas de iniciação científica (que são interessantes, mas atingem um grupo pequeno de estudantes);

1.8 – Trabalhar intensamente na revisão da organização do trabalho pedagógico da educação superior, que ainda privilegia a dicotomia entre teoria e prática, entre a postura ativa do professor (dar aula) e passiva do estudante (assistir aula).

³ Cf. Pedro Demo

⁴ Cf. Madalena Freire

⁵ Cf. Pedro Demo

1.9 – Diversificar a temporalidade de cada componente curricular dentro do fluxo semestral, construindo componentes curriculares que participem todos estudantes dos cursos, atividades como seminários para estudantes de vários cursos, etc. Sempre buscando oportunizar estes momentos dentro da estrutura curricular (em especial para os cursos noturnos).

(2) Inovação e Compromisso Social

- Considerando que a principal ação social da educação superior é a aprendizagem que ela possibilita ou nega aos seus estudantes;
- Considerando que a educação superior sempre que se prende aos seus condicionamentos se transforma em somente ação reguladora daquilo que deseja superar;
- Considerando que a inovação, antes de ser um produto externo à educação superior, deve ser um pressuposto de sua organização interna;
- Considerando que nem sempre a inovação caminha com o compromisso social, mas por vezes é capturada pela perspectiva utilitária das relações de mercado;
- Considerando que por vezes a perspectiva de inovação, quando se refere à gestão de processos de trabalho, cumpre o papel de reedição de medidas gerencialistas, propomos:

2.1 – Buscar compreender melhor e superar a forma de organização da educação superior que não consegue equilibrar sua estrutura e forma de funcionamento com as demandas atuais. A educação superior possui demandas do séc XXI, professores com formação do séc IX e uma estrutura pedagógica do séc. XVIII;

2.2 – Enfrentar a lógica gerencialista presente nas IES privadas e públicas, que acabam por transformar Diretores em gerentes, Professores em vendedores e estudantes em clientes ou acionistas;

2.3 – Ampliar a relação com os movimentos da sociedade civil organizada, compreendendo que os problemas sociais são lócus privilegiados para construção ou reconstrução de um conhecimento engajado e a serviço da justiça social e da sustentabilidade do planeta;

2.4 - Assumir a inovação como princípio a ser vivido dentro da estrutura dos cursos, proporcionando pesquisa e acesso à cultura como componentes curriculares (dentro do fluxo dos currículos e não como atividades extraclases);

2.5 – Reorganizar os cursos a partir de áreas de conhecimento e oferecer produtos e serviços a partir de práticas interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão, através de pólos tecnológicos, pólos das ciências sociais aplicadas, pólo das licenciaturas e etc;

2.6 – Proporcionar aos estudantes que vivam mais a educação superior e menos um somatório de aulas (quase sempre expositivas e de caráter instrucionista).

(3) Formação de Professores

- Considerando que a maioria dos professores da educação superior não possui formação pedagógica específica, porém possuem um modelo de prática educativa bem consolidada (um exemplo: um professor doutor possui pelo menos 18 anos de escolarização entre o ensino fundamental e o doutorado);

- Considerando que parte significativa dos professores da educação superior compreende os momentos de formação como respostas para perguntas não feitas por eles, ou ainda, respostas idealizadas que não correspondem ao cotidiano da sala de aula;

- Considerando que por vezes o processo de qualificação profissional dos professores convive com o processo de precarização do trabalho;

- Considerando que geralmente formação continuada se resume a um somatório de cursos (semanas pedagógicas, palestras, etc.);

- Considerando que a mesma tônica da perspectiva conteudista e instrucionista que se deseja superar com a formação continuada é que constitui grande parte dos eventos formativos oferecidos pelas IES, propomos:

3.1 – Reconhecer nos processos formativos que, apesar da maioria dos professores não possuir uma referência pedagógica clara, possuem modelos de relação ensino-aprendizagem bem consolidados;

3.2 – Reconhecer que os modelos consolidados de práticas docentes não se constituem, geralmente, em objeto de curiosidade dos professores;

3.3 – Tomar os modelos já existentes como ponto de partida do processo formativo;

3.4 – Tomar a prática dos professores como principal conteúdo de formação. Qual a prática? O que ela revela? Que pressupostos a sustentam?

3.5 – Reconhecer que o eixo da formação continuada não deve ser um conjunto de teorias pedagógicas da moda, mas o encontro do professor com a sua prática e com a sua trajetória formativa. O objetivo central da formação é a autoria do professor;

3.6 – Finalmente, recolher do cotidiano a sua capacidade formativa, ou seja, pensar a partir da prática, acolhendo suas contradições e superando seus limites é o melhor caminho formativo que podemos desejar. A escola deve ser, antes de tudo, uma escola para seus professores.

Brasília, março de 2009

Colaboração do acadêmico Ricardo Spindola Mariz,
Universidade Católica de Brasília-UCB/DF